

## Linguagem Educacional: Pedro Demo e a Arte de Citar

PERISSÉ, Gabriel

Professor da Pós-Graduação do Programa de  
Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (SP)  
<http://www.perisse.com.br>

**RESUMO:** Este artigo investiga a arte de citar, observando as estratégias de citação na obra de Pedro Demo, sociólogo e escritor que escreveu mais de 80 livros sobre temas educacionais. A citação pode ser uma autocitação, que entrará em diálogo com o pensamento de outros autores. Ao leitor ativo e criativo cabe a tarefa de recriar o texto, tornando-se coautor. Grifar o texto é uma citação preliminar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita criativa. Linguagem. Leitura criativa.

**ABSTRACT:** This paper investigates the art of quoting and observes the strategies of quotation in the work of Pedro Demo, sociologist and writer who wrote over 80 books on educational topics. The quotation can be a self-citation, which will enter into dialogue with the thought of other authors. The task of the active and creative reader is re-creates the text, becoming co-author. Italicize the text is a preliminary quote.

**KEYWORDS:** Creative writing. Language. Creative reading.

“As citações em meu trabalho são como ladrões na beira da estrada  
que de repente surgem armados e roubam as convicções do caminhante.”  
(Walter Benjamin)

“Qualquer frase, seja qual for o autor, é minha propriedade.”  
(Sêneca)

### *A arte de citar*

Num breve ensaio sobre a arte (e os perigos) da citação, Valéry Larbaud elogia o escritor que sabe incorporar com maestria, ao seu texto, palavras preciosas de outros autores. Menciona concretamente a Montaigne, exímio citador, porque, “nele, texto e citações se comentam e se iluminam mutuamente, e se adicionam” (LARBAUD, 2001, p. 201). E ele mesmo, Montaigne, tinha consciência disso, afirmando, sem medo ao paradoxo, que citava outros para melhor expressar a si mesmo.

O segredo, talvez, conforme o próprio Larbaud, é que a citação não terá sido introduzida ali na última hora, como ornamento encaixado sem sutileza, sem cuidado, mas já há algum tempo habitava a mente do escritor, já tinha sido definida por ele em leitura de outros momentos, já frequentava seus pensamentos. Se uma citação pode ser suprimida, sem alteração substancial do texto, sinal de que sua escolha foi malfeita, e de que sua presença é supérflua. Em contrapartida, a citação que, retirada, empobrece o texto, não é mera citação...

A citação que é mais do que mera citação tornou-se parte do próprio texto, cujo autor conferiu àquele “enxerto” novo contexto, nova luz e, até, novos sentidos.

Citar é resultado, portanto, da leitura ativa e criativa. O leitor que escreve está atento aos textos que lhe caem às mãos e com essas mãos vai colhendo daquelas páginas as melhores frases, as formulações felizes, as ideias expressas com acuidade. Uma frase, um verso, um parágrafo são citáveis, se possuem valor, se possuem força expressiva. A leitura interpretativa fiska daquele oceano de letras as sequências de

palavras que, no momento oportuno, serão integradas adequadamente a outra paisagem verbal. Nessa outra paisagem, o trecho extraído, deslocado, ganha novos contornos em virtude do novo “ambiente” a que foi trazido.

Seria aberração valorizar, destacar e lembrar tudo o que se leu. Leitura é colheita, é escolha, ou até mesmo um ato de violência, um arrancar do texto algo que excita, que mobiliza o leitor. À medida que o leitor anota, à medida que sublinha algumas frases que considera essenciais para realizar futuras citações nos seus textos, este leitor já está escrevendo. A leitura em busca mais ou menos consciente de citações em potencial é leitura produtiva. Idealmente, a frase é escolhida, destacada, e se tornará citação graças a uma afinidade ou a uma coincidência. O leitor-escritor descobre que alguém, antes dele, conferiu forma (e força) verbal a uma ideia que não lhe era totalmente estranha, a um sentimento já vivido, a uma experiência muito semelhante, e lança mão destas palavras tão bem combinadas no texto alheio para fazer parte do seu próprio texto.

O contrário disso é a citação como cacoete, o que indica grave perda de vigor estilístico. A citação transformada em recurso de aparente erudição. A citação como fuga da reflexão.

Na “Teoria do Medalhão”, de Machado de Assis, o pai dá ao filho, ao completar 21 anos de idade, uma série de conselhos para que se torne ilustre membro da sociedade. Um dos maiores riscos nesta aventura para a qual o pai convida seu rebento é o de ter ideias próprias. Seria desastroso para o rapaz e sua carreira. A fim de evitar que tal desgraça aconteça, algumas providências ele deve tomar. Uma delas é evitar a solidão, “oficina de ideias” (ASSIS, 2006, p. 291). Outra, repetir frases feitas e lugares-comuns, poupando esforço intelectual a si mesmo e aos interlocutores. Outra ainda é colecionar “sentenças latinas, ditos históricos, versos célebres, brocardos jurídicos, máximas” (ASSIS, 2006, p. 291), fazendo as necessárias citações.

De fato, certos trabalhos acadêmicos degeneraram em textos nos quais as citações funcionam tão somente como formas de dar credibilidade à pesquisa. Pode se tratar de uma estratégia arrivista à procura de reconhecimento, mas pode haver também receio de pensar por conta própria (como se pensar “por conta alheia” fosse pensar...), receio associado a um excesso de reverência para com os autores consagrados — receio e reverência traduzidos, no texto final, em excesso de citações que, como ocorre não raramente, aparecem desalinhadas e apenas alinhavadas. Delega-se ao leitor, integralmente, a tarefa de compreender como aqueles enunciados de terceiros, mais ou menos oportunos, mais ou menos coerentes, poderiam ser úteis à argumentação do autor.

As citações têm, entre outras finalidades, a mais óbvia de todas: fundamentar, com base na autoridade intelectual de outras pessoas, uma tese, uma convicção, uma proposição. Contudo, indicam muito mais do que isso. Sejam diretas e literais, sejam indiretas e sintéticas, podem revelar muito sobre a própria forma de pensar daquele que escreve. Revelam, porque citar é um copiar, um imitar que se torna escrever. Citar é um escolher e um escolher-se. Podemos entender a cosmovisão de um autor como o sociólogo e educador Pedro Demo, verificando as citações que faz, os pensadores e teóricos em que se apoia, as obras que são suas referências.

### ***A autocitação***

Pedro Demo é autor prolífico. O seu *site*, consultado em meados de novembro de 2009 (<http://pedrodemo.sites.uol.com.br/Frame1.html>), registra 83 livros publicados. O primeiro é a sua tese de doutoramento em sociologia — *Herrschaft und*

*Geschichte: zur politischen Gesellschaftstheorie Freyers und Marcuses* —, de 1973. O mais recente é *Pós-sociologia: para desconstruir e reconstruir a sociologia*, de 2009. Em média, publica um livro por semestre.

Tal produção requer leitura, reflexão e escrita constantes. E cuidado dobrado para não se repetir. Há, sem dúvida, esforço de aprofundamento. Percebe-se que Pedro Demo retoma questões já abordadas em livros seus anteriores com o intuito de ir adiante, repensar alguns aspectos, reexaminar certos conceitos, abrangendo temas novos também. Daí a necessidade, em nome do rigor acadêmico, de referir-se às suas próprias obras, para que o leitor saiba das considerações precedentes. Por exemplo, no livro *Professor autor*, numa determinada página, alude a quatro livros seus:

Em outros contextos, analisei “pesquisa como fundamento docente e discente” (Demo, 2008b) [...]. Pesquisa, dotada de qualidade formal e política, funda o docente [...], bem como o discente (não se aprende sem construir conhecimento próprio) (Demo, 1996). [...] Ocorre, em geral, que professor — também o universitário (Demo, 2004a) — não é autor [...]. O resultado comum é “entupir” o aluno com conteúdos infinitos, todos rasos, desatualizados, porquanto não são desconstruídos e reconstruídos, como requer a dinâmica não linear da aprendizagem (Demo, 2002c). (DEMO, 2008, p. 65)

Os quatro livros são: *Pesquisa: fundamento docente e discente* (que em 2008 ainda estava no prelo, e no prelo continua até o momento), *Educar pela pesquisa* (Autores Associados, 2006), *Universidade, aprendizagem e avaliação* (Mediação, 2004) e *Complexidade e aprendizagem: a dinâmica não linear do conhecimento* (Atlas, 2002). O leitor se dá conta de que o autor não se refere aos próprios livros à toa. Há continuidade entre reflexões antigas e novas. Na bibliografia de *Professor autor* são listados 26 livros do próprio Pedro Demo. Mas a autocitação é contrabalançada pela heterocitação. Além dos 26 livros mencionados, outros 146 estão na bibliografia. Do total de livros desta bibliografia (172), 15% são livros do autor.

É uma prática habitual de Pedro Demo.

No livro *Complexidade e aprendizagem: a dinâmica não linear do conhecimento*, a bibliografia registra 178 livros, dos quais 18 são de Pedro Demo. O autor ocupa 10% da bibliografia. Em *Professor do futuro e reconstrução do conhecimento* (Vozes, 2004), são 24 livros de Pedro Demo em meio a 156 títulos no total. Desta bibliografia, 15% são obras do autor. E não é prática recente. Em *Educação e desenvolvimento* (Papirus, 1999), a bibliografia possui 237 títulos, sendo 17 livros (7%) da autoria de Pedro Demo. Num livro um pouco mais antigo, *Desafios modernos da educação* (Vozes, 1993), dos 122 títulos da bibliografia, 10 são de Pedro Demo (8%). É compreensível que a porcentagem de livros do autor seja maior nas obras mais recentes, uma vez que igualmente maior agora o número de títulos a referir.

A autocitação, em teoria, e na prática também, requer do leitor que consulte a obra referenciada para acompanhar a leitura com maior proveito. Vejamos uma passagem em que há autocitação:

Na história do conhecimento humano não é difícil constatar: quem sabe pensar, nem sempre aprecia que outros também saibam pensar (Demo, 2000a). (DEMO, 2004, p. 11)

Para apreender melhor a constatação — que a autocitação me dá a entender ter sido devidamente construída em obra publicada quatro anos antes —, sinto-me levado a consultá-la. Trata-se do livro *Saber pensar*, publicado em 2000 pela Editora Cortez. A citação, porém, não especifica a página ou as páginas, ou o capítulo, nada. É uma citação sintética. Acredito que devo ler a obra toda para compreender que quem sabe pensar nem sempre se sente à vontade quando percebe que outros sabem pensar. Recorro à terceira edição da obra. Começo a ler e a pensar. A pensar sobre o que é saber pensar. Pensamento egoísta ou pensamento ciumento será pensamento autêntico? Pensamento é luxo de poucos, que acabam pensando contra os outros? Pensamento é algo que se aprende? É algo que devemos aprender? E como? Chego finalmente a uma passagem que me satisfaz, recolho-a, faço a citação: “o sistema não teme o pobre com fome; teme o pobre que sabe pensar” (DEMO, 2002d, p. 149).

Os textos de Pedro Demo não fazem concessões a uma leitura pobre. Mesmo sendo pobre, e por isso mesmo, devo fazer uma leitura rica. Os parágrafos costumam ser longos. O estilo é circunspecto. As afirmações são justificadas com argumentação, remetendo a teorias, sem “aquelas sentimentalidades” (Eça de Queiroz). Não é discurso alambicado. Ao contrário, o estilo tende a ser seco, direto. Pedro Demo fustiga a mediocridade intelectual. Não se preocupa em agradar ou desagradar o leitor. Escreve o que pensa. O autor se tornou autor porque leu outros autores e decidiu produzir para além dos autores lidos. Cabe agora ao leitor, por sua vez, ir além do autor Pedro Demo. Cabe-lhe estudar o texto, desconstruí-lo e reconstruí-lo, desfazê-lo e refazê-lo, desmanchá-lo e reestruturá-lo, para ir em busca de sua própria autoria, de sua própria autonomia, verdadeira riqueza. O leitor deverá exercitar-se na leitura inteligente, questionar o autor, atuar como coautor, pesquisar os elementos dados, indo para além deles, pôr em xeque os argumentos oferecidos, confrontar esses argumentos com outros de outros autores. É o que o próprio Pedro Demo ensina em seus textos, teoricamente e em sua prática de escritor.

### ***O diálogo das citações***

Pedro é Demo. O nome do autor é demoníaco e ao mesmo tempo é pedra em que podemos nos apoiar. O demoníaco está em que nos faz cair em tentação. Gera dúvidas, questiona nossas práticas e nossas ideias. E é pedra porque nos garante que a tentação não é fatal, não é mortal. Pedro porque é seguro, é sólido, nota-se que seus livros nascem de um sistema pessoal de convicções, edificado ao longo dos anos. O autor transmite esta segurança. Por outra parte, Demo é demoníaco em sentido positivo também, quando pensamos no *daímon*, espírito, sopro, inspiração — *daímon* é o que nos dirige, como acreditava Plotino, e é o anjo da guarda socrático que avisa, princípio sobre-humano ao lado dos humanos, é algo de genial ao nosso alcance, algo que nos ensina sem tolher nossa liberdade, algo que nos transcende sem nos humilhar.

A autocitação é uma forma, totalmente legitimada pelas regras do texto acadêmico, de o autor se valorizar perante o leitor e de entrar em diálogo com os que leem, refletem, escrevem. Não se trata de vaidade tola, mas consciência do próprio valor e de sua jornada de pesquisador. Se “o resgate do professor será estratégia central do resgate da educação” (DEMO, 2005, p. 3), o resgate recorrente que o professor autor Pedro Demo faz de si mesmo, de suas próprias palavras e reflexões, de seus livros, de suas ponderações, é exemplo para os professores, sugestão para que os professores leitores façam algo similar: que assumam a tarefa, insubstituível aliás, de conhecer (co-nascer), nascer de si mesmos, nascer à medida que leem, à medida que conhecem, nascer com o conhecimento que fazem acontecer.

A autocitação não é monólogo. Na maioria das vezes, como era de se esperar, Pedro Demo refere-se a determinados autores. São autores em que se apoia com frequência, com quem demonstra ter aprendido. Nomes que se repetem em suas citações: Hugo Assmann, Pierre Bourdieu, Paulo Freire, Humberto Maturana, Edgar Morin, Steven Pinker, Ilya Prigogine, Boaventura de Sousa Santos, Leonardo Boff, Pablo Gentili, Manuel Castells, Jürgen Habermas, Zygmunt Bauman...

Há um diálogo de Pedro Demo com esses autores, e um diálogo desses autores entre si no texto de Pedro Demo. Citações em diálogo, na tentativa de configurar um discurso coerente, bem urdido. O autor assimila, melhor dizendo, reconstrói as ideias, os princípios, os argumentos dos outros autores, não necessariamente para corroborá-los, e é assim que se qualifica como pensador no âmbito da educação, da pedagogia, uma vez que não se considera pedagogo, “confissão” que fez num dos raros momentos em que se permitiu falar de si mesmo:

Devo dizer que não me considero pedagogo, não por despeito, mas porque considero profissão importante demais para pretender embarcar nela sem mais nem menos. (DEMO, 2002b, p. 97)

As críticas reiteradas de Pedro Demo ao instrucionismo, às contradições da pedagogia (quando os pedagogos falam em transformação e não realizam transformação alguma, ou muito pouca), ao neoliberalismo, à cultura da autoajuda etc. são críticas acompanhadas pela menção a seus “parceiros”, mais do que “gurus”. As citações estabelecem entre autor e autores a sintonia necessária para levar avante a argumentação.

Um exemplo. Pedro Demo está em luta contra uma certa pedagogia autocomplacente, presa a modismos superficiais, incapaz de transformar-se efetivamente, de superar-se em vista das exigências contemporâneas. O autor se manifesta de maneira clara, contundente, com o apoio de citações:

[...] acalenta-se a ideia tradicional de que a verdadeira pedagogia não é compatível com avaliação, porque esta seria intrinsecamente antipedagógica. Avaliar é reprimir, excluir, estigmatizar, classificar, sobretudo, punir. Mas, como é obrigatório, procura-se inventar avaliações que nada avaliam, como as clássicas autoavaliações, ou aquelas que nada dizem, para não prejudicar a autoestima do estudante e não acarretar compromissos desagradáveis para o professor. Entrando também em campo as ideias pós-modernas que valorizam a emoção de maneira cientificamente fundada — não é possível aprender sem envolvimento emocional — imagina-se que a avaliação é atentado ao prazer que a aprendizagem deveria representar, chegando-se ao ponto de defender que somente aprendemos o que nos dá prazer (ASSMANN, 1998. DAMÁSIO, 1996). Num passe de mágica, esquece-se que mais da metade da vida é sofrimento e nele nos tornamos gente (DEMO, 2002c, pp. 1-2).

Estabelecem [os professores] ligação fútil com alguns modismos, como a emoção — só aprendemos o que nos dá prazer, argumentam, embora as teorias da emoção, quando bem fundadas, jamais digam isso (DAMÁSIO, 1996, 1999), nossos educadores se apressam em rotular o fenômeno de maneira a fugir de maiores problemas na sala de aula; animam-se com a ideia de “encantar” a educação (ASSMANN, 1998), esquecendo-se de que, em seu

trabalho diário, alimentam um dos ambientes menos encantadores imagináveis [...]. (DEMO, 2002b, p. 17).

Esse tipo de visão mais interdisciplinar tem levado à valorização do que Assmann (1998) chama de “sociedade aprendente”, para indicar a característica humana e biológica da capacidade de aprender em sentido sobretudo político. Trata-se de um reencantamento da educação, à medida que a subjetividade entra em jogo, seja no sentido mais radical de que a vida pode se confundir em grande parte com a aprendizagem reconstrutiva, seja no mais imediato de que, sendo aprendizagem algo tão natural, precisa representar também a vontade de viver, incluindo fortemente a face do prazer e da sedução. É claro que tais ideias se prestam às mais sonsas banalizações, mas isso não lhes retira o mérito intrínseco, hoje dotadas de base científica mais clara. Embora seja impraticável entender o prazer sem a dor, está fora de dúvida que a escola carece urgentemente de encanto (DEMO, 1999, pp. 40-41).

Precisa-se de orientação, motivação, empurrão, encanto (Assmann, 1998; Assmann/Sung, 2000), mas as coisas decidem-se mesmo no processo reconstrutivo político de dentro para fora. (DEMO, 2004, p. 20)

Nas quatro passagens selecionadas, o autor alude ao livro do teólogo e sociólogo Hugo Assmann, *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*, publicado pela Vozes em 1998. Vê-se que é um livro importante para Pedro Demo. Ao lê-lo, encantou-lhe certamente o conceito de “encanto”, incorporou o conceito à sua cosmovisão, e com esse conceito trabalha para pensar os desencantos e os descaminhos da educação brasileira.

Outro exemplo. Agora o autor em destaque é o sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Pedro Demo a ele se reporta em várias ocasiões:

Saber pensar é saber manejar a ambivalência das perguntas e das respostas (BAUMAN, 1999). (DEMO, 2002c, p. 59)

Conforme estudos de Baumann (1999, 2001) entre outros, é importante agregar ao conceito de complexidade seu cariz ambíguo e ambivalente [...] (DEMO, 2002a, p. 11).

Neste capítulo buscamos traçar algumas tendências mais atuais em termos de incluir no conhecimento científico a convivência natural com a incerteza, traduzindo outro tipo de ambivalência fundamental (Baumann, 1999) (DEMO, 2000, p. 59).

Nessas três vezes, remete ao mesmo livro de Bauman, *Modernidade e ambivalência*, publicado por Jorge Zahar Editor em 1999. A “ambivalência” como conceito incorporado e reconstruído. Pedro Demo constantemente dá o crédito ao autor polonês, induzindo-nos a ir a Bauman ele mesmo, se quisermos entrar em contato vivo com o conceito.

### ***Citações em profusão***

Outro modo de lidar com as citações é trazê-las todas, sejam quantas forem, quando se julga necessário garantir, por questão de justiça e em nome da honestidade acadêmica, as devidas atribuições. Seleciono uma passagem em que Pedro Demo se

esmera em relacionar ideias, opiniões e expressões aos autores, numa abundância que chama a atenção.

Explicando que, a seu ver, não basta “reformatar” a pedagogia e sim superá-la, reinventá-la, tendo em vista a “sociedade aprendente” (Assmann) em que nos coube viver, Pedro Demo propõe que a aprendizagem seja estudada pelo professor do futuro com mais generosidade e abertura, de modo interdisciplinar:

Algumas ciências naturais preocupam-se com a trajetória biológica do ser humano, tentando descobrir a formação evolucionária do cérebro e órgãos afins (Klein, 2002), ou a trajetória da formação da espécie humana e suas propriedades culturais (Boehm, 1999), ou a inscrição da vida e da inteligência no desenho do universo (Gardner, 2002; Wright, 2000), ou propriedades autopoieticas dos seres vivos e sua capacidade de cognição (Maturana, 2001; Jensen, 2000), ou a evolução da consciência (Donald, 2001). Outras ciências naturais, indicando o caráter dialético da natureza (Prigogine, 1996; Prigogine & Stengers, 1997), colocam a questão da complexidade e emergência na realidade, aludindo ao cariz complexo não linear do conhecimento e da aprendizagem (Hofstadter, 2001; Demo, 2002a), incluindo-se aí evoluções surpreendentes da “matemática difusa” (Kosko, 1999) e dos ensaios de simulação no computador, muito empregados pela “Inteligência Artificial” (Gardner, 2002). Neste espaço, surgem também as tecnologias em educação, que constituem por si só outro horizonte infinito de oportunidades e potencialidades (Nolte, 2001; Kurzweil, 1999). Hoje, estuda-se aprendizagem de modo resumido, incluindo-se por vezes alguns cacos de Piaget e Vygostky (Castorina, 1997), tendencialmente muito mal digeridos. Bastaria esta perspectiva de estudo para perceber o quanto será interdisciplinar a formação do pedagogo, obrigando-o a vasta leitura, literatura incomensurável e variada, contatos com áreas longínquas e não menos essenciais. (DEMO, 2004, pp. 55-56)

A profusão de citações é intencional, para que o leitor — em particular o professor/pedagogo leitor — perceba o quanto necessita ler para formar-se, para reinventar-se, atualizar-se (mais do que “reciclar-se”). É uma provocação demoníaca, ambivalente, porque pode inspirar e desanimar, estimular e desesperar, suscitar admiração e repulsa.

Mas o autor não está preocupado em “dar aulas” tranquilizadoras com seus livros. Com eles, pretende evoluir para um contexto maiêutico, deixando ao leitor a tarefa de interpretar, deixando ao leitor a responsabilidade pelo aprender, deixando o leitor abrir seus próprios caminhos, se ele, leitor, aceitar o desafio. Ao leitor cabe a tarefa de elaborar sua leitura, refazer e refazer-se nessa elaboração exigente.

As citações em profusão, no caso, mostram ao leitor que ainda há muitos autores que ele desconhece, e muitos conceitos a serem apreendidos. *Lectio* e *meditatio*, ler e meditar (numa falsa etimologia: me ditar, ditar-me, ditar para mim mesmo...) eram sinônimos, segundo as regras monásticas da Idade Média. Saber ler e saber pensar são as habilidades que Pedro Demo prestigia (e que demonstra possuir), ao trazer à baila os autores que frequenta e, dos autores que frequenta, os conceitos, os princípios, as ideias que neles encontrou, repensando-os e traduzindo-os para o seu próprio uso como escritor.

A leitura autêntica é leitura em ação. A citação, trabalho que o autor realiza para legitimar-se como autor, sugerindo ao leitor trabalhos complementares. O autor espera, conta com que o leitor não leia passivamente. Um trabalho complementar para o leitor, trabalho que alguns recriminam, é grifar no texto as palavras, as frases que o animam, que o tocam, que o incomodam. O grifo “é a prova preliminar da citação” (COMPAGNON, 1996, p. 17), é a pontuação do leitor, é o início da intervenção criativa do leitor, o leitor se transformando em coautor.

## **Referências**

ASSIS, Machado de. Teoria do medalhão. Em **Obra Completa**. Org. de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Trad. de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1996.

DEMO, Pedro. **A educação do futuro e o futuro da educação**. Campinas: Autores Associados, 2005.

DEMO, Pedro. **Certeza da incerteza: ambivalência do conhecimento e da vida**. Brasília: Plano, 2000.

DEMO, Pedro. **Complexidade e aprendizagem**. São Paulo: Atlas, 2002a.

DEMO, Pedro. **Educação e desenvolvimento: mito e realidade de uma relação possível e fantasiosa**. Campinas: Papirus, 1999.

DEMO, Pedro. **Ironias da educação: mudança e contos sobre mudança**. 2ª ed. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2002b.

DEMO, Pedro. **Mitologias da avaliação: de como ignorar, em vez de enfrentar problemas**. 2ª ed. Campinas, Autores Associados, 2002c.

DEMO, Pedro. **Professor autor**. Ribeirão Preto: Alfabeta, 2008.

DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2004a.

DEMO, Pedro. **Saber pensar**. 3ª ed. São Paulo: Cortez / Instituto Paulo Freire, 2002d.

DEMO, Pedro. **Ser professor é cuidar que o aluno aprenda**. Porto Alegre: Mediação, 2004b.

LARBAUD, Valéry. **Sob a invocação de São Jerônimo**. Trad. de Joana Angélica d'Avila Melo. São Paulo: Mandarim, 2001.

Recebido para publicação em 25-10-09; aceito em 18-11-09